

A Estr.: Rut.:

*“Considerai esta Estrela misteriosa:
nunca a percais de vista...”*



Este é o primeiro contato do Apr.: aspirante à Comp.: com a Estr.: Rut.:

Ele é chamado a observar uma Estr.: que se ilumina no centro do dossel do Alt.: da Sab.:. Seu olhar é imediatamente atraído. Um novo símbolo lhe é apresentado, e tão brilhante é a Estr.: que parece roubar a cena em meio ao panteão de símbolos dispostos no Templ.:.

A importância deste símbolo é agravada pela instrução do Venerab.: Mestr.: *“...nunca a percais de vista...”*. Logo percebemos que esta Estr.: nos acompanhará para sempre.

Breves instruções sobre esta Estr.: são passadas ao Apr.: , porém os rituais só nos mostram a ponta do iceberg, se quisermos saber mais devemos nos aprofundar. Esta é uma lição importante que aprendi em minha breve jornada na Ordem: nós aprendemos o quanto queremos. Quanto mais buscarmos, mais saberemos.

Muito se fala sobre seus diversos significados, mas pouco se fala sobre a sua origem, ou sobre o porquê dessa Estr.: ser tão importante para os Maçons.

Certa vez ouvi que a Maçonaria é *“tão antiga quanto a Águia ou o Tosão de Ouro”*, mas fiquei impressionado ao saber que a ancestralidade da Estr.: Rut.: remonta à Idade da Pedra.

O bailado de Vênus

Vênus é o segundo planeta do sistema solar a partir do Sol e é o terceiro corpo mais brilhante no céu, precedido pelo Sol e pela Lua, devido ao seu tamanho e proximidade com a Terra.

Como é um Planeta, Vênus não possui luz própria, mas reflete a luz do Sol, tal como a Lua. Mas se não é uma estrela, apesar de parecer, por que ele é representado como uma estrela de cinco pontas?

O movimento de Vênus no céu é bastante peculiar. Algumas vezes se comporta como “Estrela da Manhã”, surgido logo antes do nascer do Sol no horizonte oriental, e às vezes se comporta como “Estrela Noturna”, aparecendo logo após o crepúsculo do Sol no horizonte ocidental. Este comportamento apresenta um ciclo de oito anos, aparecendo durante quatro anos (1º, 2º, 4º e 7º anos) como Estrela da Manhã e quatro anos (3º, 5º, 6º e 8º anos) como Estrela Noturna. Durante estes oito anos sua posição vista da Terra é sempre diferente, mas no próximo ciclo ela aparecerá no ponto exato de azimute em que foi vista no ano correspondente do ciclo anterior, determinando o calendário com precisão de poucos segundos.

Há ainda outro ciclo de Vênus, desta vez em relação ao Zodíaco. Este bailado de Vênus em relação traçará, no plano estelar fixo, uma estrela de cinco pontas, um Pentagrama, tendo o Sol em seu centro.

Por esse motivo a Maçonaria indica que a estrela de cinco pontas simboliza Vênus, não por ser uma estrela, pois não é, mas pelo pentagrama que seu bailado traça no círculo zodiacal.

A Sabedoria da Idade da Pedra

Há muito tempo os arqueólogos estudam milhares de construções megalíticas nas ilhas britânicas, construídas entre 5500 e 3500 a.C., e que foram erigidas por um povo denominado “Povo do Pote Entalhado”, devido às “ranhuras” com que eles adornavam seus potes de pedra.

Até pouco tempo atrás se pensava que este povo não tinha maior capacidade intelectual do que outros povos primitivos do “tempo das cavernas”. Mas esta visão começou a mudar quando os estudiosos começaram a compreender que as estruturas megalíticas construídas por eles eram, na verdade, observatórios astronômicos. Um estudo mais apurado de alguns destes monumentos megalíticos revelaram que este povo possuía conhecimento suficiente para alinhar suas construções com corpos celestes, inclusive com Vênus, o que denota conhecimento apurado de seus movimentos.

Estes observatórios astronômicos tinham grande relevância para o Povo do Pote Entalhado, pois permitiam precisar a época do ano em que deviam plantar e colher; permitia-lhes conhecer e prever as marés, facilitando a navegação; além de prever eventos celestes, como por exemplo, a ocorrência de eclipses. Para construírem tais monumentos, esse grupo desenvolveu uma forma de medição de distância baseada na velocidade de rotação e na massa da Terra. Essa medida é chamada “Jarda Megalítica”.

É sabido que este conhecimento não era difundido entre todos os indivíduos, sendo restrito a pequenos grupos identificados como sacerdotes. Estes sábios eram responsáveis pela evolução e bem estar daquela sociedade, e alguns estudiosos teorizam que os sacerdotes eram “sustentados” pelos outros indivíduos, apresentando assim a primeira sociedade estratificada que o mundo tem conhecimento.

Estudiosos modernos identificaram que alguns destes monumentos megalíticos permitem que a luz projetada por Vênus penetre na câmara subterrânea através de uma pequena cavidade, ou clarabóia, produzindo um fecho de luz que reflete em uma pedra e ilumina seu interior. Dentre estes monumentos podemos citar, notadamente, os sítios arqueológicos chamados Bryn Celli Ddu e Newgrange.

Estes mesmos estudiosos teorizam que nestas câmaras, as que recebem a luz de Vênus, eram realizados rituais ligados à ressurreição, ou renascimento, e que a luz que penetrava na câmara teria o poder de transportar a alma de um indivíduo morto para um recém nascido, permitindo assim a continuidade da vida do indivíduo. Surge então o primeiro simbolismo ligado à Vênus, o renascimento.

É salutar lembrar que estas interpretações são teóricas, pois o Povo do Pote Entalhado não deixou registros documentais por não possuírem escrita propriamente dita, apenas símbolos que podem ser considerados uma proto-escrita, mas essas teorias são corroboradas por estudos do desenvolvimento de outras civilizações.

Um amálgama de tradições

Há uma crescente corrente doutrinária entre os historiadores que prega que o desenvolvimento da humanidade se deu pelo intenso intercâmbio de culturas causado pela expansão dos povos por toda a superfície da Terra.

Essa corrente doutrinária não relaciona o “desaparecimento” do Povo do Pote Entalhado nas ilhas britânicas, por volta de 3500 a.C., como o fim de sua existência. O estudo de outras culturas posteriores comprova que o Povo do Pote Entalhado influenciou, ou até mesmo “iniciou”, novas culturas através de imigrações independentes.

As evidências desta influência em outras culturas são encontradas principalmente: nas unidades de medidas, símbolos da proto-escrita, trabalhos em pedra, e no culto ao Sol, a Lua e a Vênus.

Os estudiosos indicam que um ramo dessa imigração se fixou no norte da Europa continental, dando origem aos vikings e aos celtas. Outro ramo se fixou no delta

dos rios Tigre e Eufrates, dando origem aos Sumérios. E outro ramo se fixou no alto Egito. Todos esses ramos se misturaram aos habitantes anteriormente fixados nessas localidades, o que fez sua cultura sofrer alterações distintas em cada região, mas é possível ver o mesmo material cultural fonte em todos os povos que se originaram destas fusões culturais.

Voltando ao ponto central deste trabalho, todas as culturas influenciadas pelo Povo do Pote Entalhado conservam, de uma forma ou de outra, o culto à Vênus e sua relação com o renascimento ou ressurreição.

Os sumérios veneravam Vênus na forma da deusa Ishtar, a rainha dos céus. A mitologia de Ishtar explica como os consortes ou filhos da deusa morriam todos os anos para renascer meses depois, revelando a ligação de Vênus com o renascimento ou ressurreição.

O Livro da Lei relata que Abraão, patriarca hebreu, era da cidade de Ur, uma das principais cidades da Suméria. Portanto, é de se esperar que ele tivesse a mitologia de Ishtar enraizada em suas crenças. A Bíblia também nos revela que o povo originado por Abraão, os hebreus, foram cativos no Egito.

A cultura egípcia também demonstra ter sido influenciada pelo Povo do Pote Entalhado. Para os egípcios a Estrela da Manhã era a representação do deus Horus, que por sua vez era a ressurreição de seu pai morto, o deus Osíris. Mais uma vez Venus está associada ao renascimento ou ressurreição. Notem que o antigo hieróglifo egípcio para “*Estrela da Manhã*” tem o significado literal de “*conhecimento divino*” e é representado por uma “bandeira” ao lado de uma estrela de cinco pontas. A mesma estrela faz parte do antigo hieróglifo para “sacerdócio”, representado por um homem observando a estrela e fazendo uma espécie de “medição”. Aparece aqui outro simbolismo ligado a Vênus, a sabedoria.

Durante os anos em que os hebreus foram “cativos” no Egito, muito provavelmente, absorveram parte dessa “forma egípcia” de relacionamento com Vênus, uma vez que se parecia muito com sua própria ancestralidade no culto à deusa Ishtar, fundindo ambas as deidades mas permanecendo com o mesmo sentido: o renascimento e ressurreição, agora adicionado o sentido de sabedoria.

Quando o povo hebreu chegou à “terra prometida”, ela era habitada pelos cananeus, que também tinham sua origem na Suméria. Durante a tomada da terra prometida, os hebreus mataram grande parte dos cananeus, outra parte fugiu para leste, originando o que viria a ser a Babilônia e outra parte foi absorvida pelos novos habitantes hebreus e, já que suas crenças, apesar de algumas diferenças, tinham a mesma raiz, novamente elas se fundiram, mas permanecendo a relação entre Vênus e os conceitos já estabelecidos.

Fixado o reino de Israel, essa nação começou a se relacionar com os povos vizinhos. Um desses povos era os Fenícios. Os fenícios também eram cananeus, ou seja, os antigos sumérios, apenas tinham outro nome pela localização onde viviam. A fenícia foi ocupada pelos egípcios durante 400 anos, época que suas culturas também se misturaram, principalmente por ambas terem a mesma raiz ancestral. Na época das relações com o reino de Israel, os fenícios cultuavam Vênus através da deusa Ashtar, com o mesmo simbolismo de Ishtar.

É importante frisar que antigas religiões orientais, mormente o hinduísmo, também cultuavam Vênus com o sentido de ressurreição, renascimento e sabedoria.

A ancestralidade Maçônica

Rituais, lendas e símbolos da Maçonaria atual demonstram grande ligação com o cristianismo, o judaísmo e o Antigo Egito. Mas podemos afirmar que a maior parte dos ensinamentos Maçônicos são ligados aos Israelitas. O judaísmo é a religião remanescente das tradições das tribos de Israel. Dentre essas tradições a mais conhecida é a tradição mosaica (de Moisés), justamente aquela mais seguida pela tribo

de Judá. Porém outras tradições eram praticadas em outras tribos, uma delas é a tradição enochiana (de Enoch). Enoch é citado na Bíblia Judaica, mas é na tradição Maçônica que ele ganha maior importância, assim como seu filho Lamech e seus netos Noé e Tubalcaim.

Uma vez que tais personagens têm tamanha importância na Maçonaria, e que até recentemente não se tinha conhecimento de outros documentos escritos sobre a vida de Enoch, concluo que a Maçonaria primária teve início na época desse personagem, mantendo viva a sua história.

Em meados do século XIX foram encontrados documentos relativos à tradição enochiana. O compendio desses documentos foi chamado de “O Livro de Enoch” e conta sua jornada para uma terra distante, onde aprendeu as Ciências antigas. A Bíblia hebraica não cita essas passagens, mas a Maçonaria conta como Enoch foi importante para a preservação do conhecimento antigo. Uma vez que, até recentemente, não se conhecia fonte escrita dessa tradição, a Maçonaria só poderia ter preservado essas histórias se estivesse, de alguma forma, presente nos tempos de Enoch, a despeito da versão oficial de que a Ordem tenha se originado nas confrarias de pedreiros do século XVII.

A Estrela da Manhã e a Tradição Enochiana

Podemos identificar outros herdeiros da tradição enochiana intimamente ligados à Maçonaria. Dentre eles Melquisedeque, Abraão, Moisés e o Rei Salomão.

Melquisedeque era o rei Salém, local onde posteriormente foi fundada a cidade de Jerusalém. Salém significa Estrela da Manhã, ou Vênus; Jerusalém por sua vez, na antiga língua Cananéia, significa: “local para se observar a ascensão de Vênus”. Abraão foi Sacerdote de Melquisedeque, portanto era um “sábio” nas tradições de Melquisedeque. Moisés conduziu o povo de Israel até a “terra prometida”, que era a terra Cananéia ocupada anteriormente por Melquisedeque. Salomão foi o Rei de Israel que transformou Jerusalém na capital do reino e construiu um templo, em um ponto elevado, com a porta voltada para o Leste, em um local onde haviam sido construídos outros templos dedicados à observação de Vênus.

Todos esses personagens, e outros não citados, se relacionam entre si através de Vênus, sua aparição, seu ciclo e seu poder mítico.

Como conhecedores das tradições Enochianas, esses homens conheciam bem o ciclo de 40 anos de Vênus. Nota-se que na Bíblia encontramos diversas menções ao período de 40 anos, porém nenhum estudioso Bíblico sabe explicar o porquê dessa reiterada descrição de períodos importantes. Isso só pode ser explicado pela tradição enochiana, que acreditava que o ciclo de Vênus regulava períodos de grandes acontecimentos. Eles também sabiam que a cada doze ciclos de 40 anos, ou seja, a cada 480 anos, a Estrela da Manhã aparecia com um brilho mais intenso e poderoso. Era a aparição da Sagrada Shekinah.

A Divina Shekinah

Hoje sabemos que de tempos em tempos Vênus e Mercúrio se alinham de forma que, vistos da Terra, esses planetas se sobrepõem, refletindo a luz do Sol, o que a olho nu nos parece uma grande estrela muito brilhante. A essa Estrela muito brilhante os antigos enochianos deram o nome de Shekinah. Porém esse alinhamento, devido às rotações dos planetas, pode não ocorrer regularmente.

As aparições da Shekinah eram interpretadas pelos enochianos como uma Presença Divina, uma indicação de que o Grande Arquiteto do Universo estava presente, anunciando que algo novo e muito importante estava para acontecer. Era a face do Criador se mostrando para os homens. Mas quando a Shekinah não aparecia no tempo esperado, eles interpretavam como um sinal de reprovação por parte de Deus.

Salomão sabia que o fim do dilúvio foi anunciado pela aparição da Shekinah e que em outra aparição da Shekinah, 1440 anos depois (3 vezes 480 anos), nascia Moisés. Quando se tornou rei, Salomão erigiu um Templo que seria a morada de Yhavéh, o Deus dos Israelitas. Mas o plano de construção do Templo mostra um propósito a mais.

O Templo de Salomão foi edificado em um ponto elevado de Jerusalém, um local propício para a observação do céu oriental. O Templo tinha seu pórtico voltado para o Leste, o que permitia que a luz do Sol nascente iluminasse o recinto. Logo acima da porta, foi colocado um vitral, uma espécie de clarabóia, portanto o alinhamento do templo permitiria que a luz da Divina Shekinah, aparecendo no céu oriental antes do nascer do Sol, penetrasse no recinto do templo pelo vitral acima da porta e iluminasse o Santo dos Santos onde estava depositada a Arca Sagrada.

O sábio Rei Salomão projetou uma estrutura que serviria como uma ponte, um portal, unindo o reino dos Céus com o reino do Homem, um link entre o Cosmo e a Terra. Esse era o mesmo projeto das construções realizadas pelo “Povo do Pote Entalhado” milhares de anos antes.

O conhecimento da Shekinah era o necessário para se construir uma estrutura própria para receber a Luz Divina que faria nascer um novo tempo, iluminando os homens e dando-lhes a energia Cósmica como combustível para evolução. É a Estrela Rutilante mais uma vez simbolizando a sabedoria, a ressurreição e o renascimento.

Sacerdotes Enochianos e o Templo de Jerusalém

Como dito anteriormente a religião do povo de Israel era uma confluência de várias seitas, ou tradições. O Templo de Jerusalém era de responsabilidade do Sumo Sacerdote, ajudado por diversos outros Sacerdotes que por sua vez eram responsáveis pela manutenção das tradições religiosas e guiavam o povo dentro dos preceitos da religião. A religião já era única, mas o Sacerdócio do Templo era dividido entre seguidores de diversas tradições, dentre eles estavam os Sacerdotes de tradição Enochiana.

Acontecimentos históricos relacionados ao povo de Israel causaram o declínio das tradições Enochianas, tendo ela se mantido em uma pequena comunidade chamada de Essênios, que existiu entre os séculos II a.C. e II d.C.. Além desta, outras tradições sucumbiram, e a que se manteve foi a tradição mosaica que originou a religião judaica como a conhecemos hoje.

Porém, na época de Cristo, a tradição Enochiana relacionada à Shekinah ainda causava alguma influencia e, apesar de seu simbolismo não ter se mantido presente na religião judaica atual, podemos encontrar passagens Bíblicas relativas à Estrela.

Notadamente o Novo Testamento conta que uma Estrela especial indicou o nascimento do messias. Principalmente pela falta de explicação mais profunda sobre o que seria a Estrela de Belém, podemos identificar nela a relação com a Shekinah, que para os enochianos era a indicação de um importante acontecimento e início de um novo tempo.

Outra passagem importante do Novo Testamento está em Apocalipse 22:16, onde Jesus disse: *“Eu sou a raiz e a geração de Davi, a resplandecente estrela da manhã”*, ligando o Rei Davi, pai do Rei Salomão, às tradições Enochianas relativas à Shekinah.

O conhecimento perdido

Foi também nessa época que Jerusalém sucumbiu ao jugo do Império Romano. Temerosos quanto a uma possível revolta do povo, os romanos permitiram que sua religião prosseguisse, inclusive fomentando a reconstrução do Templo, que fora

destruído durante a invasão. Novamente os Sacerdotes de várias seitas dividiam os ofícios do Templo, inclusive os Essênios. Mas sobreveio a temida revolta popular e, para garantir o domínio do Império, os romanos aniquilaram a população e destruíram novamente o Templo, que nunca mais foi reconstruído. Estes fatos são narrados tanto na Bíblia como por Josephus, historiador judeu do século I d.C..

Recentes achados arqueológicos comprovam que os Sacerdotes Enochianos/Essênios, visando preservar para a posteridade suas tradições, esconderam sob o Templo diversos pergaminhos e tesouros antes de fugirem do massacre que seria perpetrado pelas tropas romanas. Esses Sacerdotes foram obrigados a se esconder, deixando para trás a sua tradição, enterrada sob os escombros do Templo Sagrado.

A era cristã

Surge então uma nova religião, o Cristianismo, que logo se torna a religião oficial do Império Romano. Os descendentes dos Essênios, agora espalhados pelo território do Império Romano, são obrigados a aceitar a nova religião imposta pela Igreja Romana. Mas de alguma forma esses descendentes mantêm viva a lembrança de suas tradições enterradas sobre o Templo em Jerusalém.

Séculos se passam até que a Igreja Romana organiza uma Cruzada para retomada da Terra Santa, que estava sob domínio muçumano. É nesse contexto que surge a “Ordem dos Pobres Companheiros-Soldados de Cristo e do Templo de Salomão”, mais conhecidos como “Cavaleiros Templários”. Finalmente, em 1099, Jerusalém é tomada pelos Cruzados.

De alguma forma os Templários sabiam dos objetos escondidos e passam alguns anos escavando sob o Templo, até recuperarem esses tesouros. Esse fato é comprovado por expedições francesas e inglesas que nos séculos XVIII e XIX escavaram o mesmo local e só encontraram ferramentas templárias.

Alegam os historiadores Maçônicos modernos que dentre esses tesouros estavam pergaminhos que continham o antigo conhecimento Enochiano. Os Templários então reativam a tradição Enochiana, mas o fazem secretamente, pois sabiam que suas práticas seriam consideradas heréticas, o que causaria perseguição por parte da Igreja. O intuito Templário era promover a evolução humana com base em antigos conhecimentos, o que tornaria o Mundo um local apropriado para o reino de Deus.

Para levar a cabo seu intuito os Templários passam esses conhecimentos através de Iniciações em seus Mistérios, de forma velada e secreta. Segundo alguns historiadores, esse é o início da Maçonaria Moderna.

O conhecimento redescoberto e encoberto

Agora os Templários estavam de posse de antigos conhecimentos e se lançam na empresa de tornar o mundo um lugar melhor, baseado no desenvolvimento humano sem se esquecer da atuação Divina e a regulação que o Cosmo impõe em nossa vida. Para isso, esses novos Mestres precisavam instruir a humanidade e passam a difundir seus conhecimentos de forma velada. Mas seus planos, por mais honrosos que fossem, são descobertos e a Igreja Romana persegue e destrói os Templários, acusando-os de serem heréticos.

Porém os remanescentes desses valorosos homens mantêm a tradição e, secretamente, estabelecem uma organização chamada oficialmente de Maçonaria. Os Maçons continuam seus propósitos de evolução humana, iniciando e instruindo novos adeptos.

A Europa passa por um período turbulento nas questões religiosas. O Protestantismo surge, em grande parte alimentado por artistas e pensadores do

Renascentismo, muitos deles formados pela própria Maçonaria que incentivava a pesquisa e a busca da verdade. A Igreja Católica inicia a contra-reforma, declarando guerra aos Protestantes. Cria os tribunais de Inquisição e persegue todos os que não seguem à risca os dogmas do Catolicismo. Aparentemente a Maçonaria estaria amparada pelos Protestantes, mas não é o que acontece. O protestantismo toma as mesmas medidas da Igreja Católica e também persegue qualquer um que tenha idéias diferentes. Tanto os Católicos como os Protestantes são cristãos fervorosos e não admitem qualquer crença que não seja baseada no Novo Testamento. Como as origens da Maçonaria estão atreladas aos antigos Enochianos, seus Mistérios veneravam, além do Grande Arquiteto do Universo, também a natureza e o Cosmo, o que era considerado um crime para as religiões que agora dominavam a Europa.

Com intuito de não serem perseguidos, a Maçonaria inglesa nega seu passado e formaliza a teoria de que foi criada a partir das Guildas de pedreiros medievais. A Grande Loja da Inglaterra destrói qualquer laço com os Cavaleiros Templários e pode agora ser aceita pelos governos. Começa aqui a história oficial da Maçonaria Moderna.

Conclusão

O Berço dos Ensinaamentos

Apurando essa gama de informações, eu pude concluir que a base filosófica da Maçonaria tem seu berço nos antigos conhecimentos do povo Megalítico chamado de “Povo do Pote Entalhado”, que tinham como ponto central de suas crenças uma Estrela que era a ligação entre o homem e a energia cósmica que rege o Universo. O brilho dessa Estrela trazia conhecimento e vida ao nosso Mundo.

As tradições científicas e crenças desse povo foram mantidas durante muitas gerações por seguidores de uma tradição que chamamos de “Enochiana”. Antigos rituais Maçônicos contam a história de um homem chamado Enoch, possuidor de um grande conhecimento científico, principalmente sobre fenômenos naturais. Não se tinha conhecimento de qualquer documento escrito que embasasse essa lenda até que, no século XIX, foi encontrado um documento antigo que, segundo os pesquisadores, é a transcrição de uma história passada verbalmente durante muitas gerações. Esse documento foi chamado de “O Livro de Enoch” e os estudiosos concluíram que Enoch vivera por volta do ano 3500 a.C..

Uma vez que os documentos mais antigos da Maçonaria oficial são do século XV, os rituais Maçônicos não poderiam ter baseado suas lendas em um documento que só foi encontrado no século XIX. Esse argumento é o indício documental de que a filosofia Maçônica tem origem nos “instrutores” de Enoch.

A Soma de Novos Significados

Os Mistérios Enochianos jazem por séculos escondidos sob os escombros do Templo Sagrado em Jerusalém, até serem recuperados pelos Cavaleiros Templários, que reiniciam a missão de tornar um mundo melhor, baseado nas antigas crenças. Os Templários instruem os homens, porém seus maiores segredos são guardados para conhecimento de poucos. Aqueles que receberam parte dos segredos, principalmente os construtores, após o fim da Cavalaria Templária, mantêm sua organização e formam as Guildas de Pedreiros. Os Mestres conhecedores de todos os segredos, ainda que poucos, continuam seu intento dando forma oficial aos seus trabalhos, formando as Lojas

Maçônicas e sustentando que a Ordem vinha das Guildas, que eram consideradas inócuas para as religiões dominantes.

Vejo então duas classes de Maçons: a primeira era formada por conhecedores dos antigos Mistérios relacionados às tradições Enochianas; a segunda era formada por homens que conheciam somente parte desses Mistérios. Enquanto a primeira classe diminuía, a segunda crescia, mas ambas tinham o mesmo objetivo, a evolução humana. Os mestres da primeira classe mantinham os símbolos nas instruções dos novos adeptos, mas escondiam seus verdadeiros significados.

Esse é um ponto crucial para o entendimento da variedade de explicações sobre o simbolismo da Estr.: Rut.:. A Maçonaria torna-se vítima de si mesma, uma vez que incentivava a pesquisa científica, foi perdendo força para as Academias de Ciência que brotavam em todo o Mundo. Homens sábios e versados deixam de freqüentar e fortalecer as CCol.: das Lojas, relegando à Maçonaria a um status de “Clube de Cavalheiros”. Cada vez mais diminui o círculo do grupo de Mestres conhecedores de todos os Mistérios e os novos adeptos começam a ser instruídos por aqueles que não têm total conhecimento das tradições.

Chega o momento em que os Maçons se deparam com símbolos e não sabem o que significam. Esses buscadores, sem nenhum documento Enochiano disponível para a pesquisa, encontram o simbolismo do Pentalfa dos pensadores gregos como a mais antiga explicação do significado da Estr.: Rut.:. Nesse momento da História os Maçons trazem para a doutrina da Ordem a literatura antiga dos filósofos gregos que, como Sócrates, Platão, Aristóteles e seguidores Dionisianos, já haviam estudado o poder místico do Pentagrama. A filosofia desses pensadores se alinha perfeitamente com a doutrina maçônica e, cada qual com sua explicação própria sobre o significado da Estrela, permitiram que os Maçons especulativos traçassem paralelos com os ensinamentos recebidos nas LLoj.:., o que os levou a crer que daí vinha o seu simbolismo.

Os buscadores Maçons, ávidos por explicações, também encontraram fonte na doutrina religiosa do Catolicismo, além de em célebres pensadores do período Renascentista, como Leonardo da Vinci, e do período Iluminista, como Voltaire. Tudo o que encontraram se encaixava perfeitamente na intenção Maçônica de desenvolvimento espiritual e, apesar de estarem procurando a fonte, acabaram por ampliar o simbolismo da Estr.: Rut.:.

Outra característica importante no simbolismo da Estrela é a existência da letra “G” em seu centro. De acordo com o exposto anteriormente é fácil compreender que tal tradição deva ter se originado no judaísmo antigo, onde em vez da letra G deveria estar gravada a letra ך (Yod), o monograma de Yahvéh, o Deus dos Israelitas. Uma vez tendo o Cristianismo dominado a maior parte do Mundo conhecido na época, a letra hebraica foi substituída pela letra latina G, o monograma de “God” (Deus em inglês). Quando buscavam explicações, os Maçons somaram novas interpretações relacionadas ao G, dando-lhe uma visão mais científica, talhando novos significados como Geometria, Gramática, Gnose e outros.

É possível então perceber que a doutrina Maçônica atual é um amalgama de tradições, filosofias e pensamentos, que vem se cristalizando desde o período neolítico. Um exemplo claro disto é simbolismo da Estr.: Rut.:.

O Primeiro Significado

Agora, ponho de lado todo o significado que abasteceu o simbolismo da Estrela durante o período da Maçonaria Especulativa. Volto ao que entendo ser o significado primervo da Estr.: Rut.:.

A base da filosofia Maçônica foi formada por cientistas ancestrais, homens que observavam a natureza e percebiam claramente que todos fazemos parte de um plano Divino e que tudo em nosso mundo está relacionado com a Obra do G.: A.: D.: U.:.

A Estrela Rutilante é o “lintel” que une o plano espiritual e o plano material. É a ponte que permite que a energia Cósmica nos traga sabedoria para evoluirmos. É o caminho por onde devolvemos ao Cosmo nossa energia transformada em boas ações. É a Luz que nos faz renascer. É a Divina Shekinah buscada e adorada por Salomão.

A Estr.: Rut.: e o Rito Adonhiramita

Essa interpretação, notadamente esotérica e mística, depende de um entendimento telúrgico próprio da Maçonaria Adonhiramita.

É fato que os ritos Adonhiramita e Escocês Antigo e Aceito descendem do Rito de Heredom, com uma diferença primordial. O Rito Adonhiramita surgiu na França, onde permaneceu inalterado pelas podas impostas pela Gr.: Loj.: da Inglaterra ao R. E. A. A., que renegou seu passado Enochiano para se manter incólume e com boas relações com a religião da Coroa Britânica. Na Inglaterra os Maçons foram obrigados a moldar suas instruções apenas baseados na ciência, esquecendo o misticismo inerente à doutrina Maçônica. Já na França, apesar de uma fortíssima influência Católica, o Rito Adonhiramita manteve as antigas tradições e, não obstante nele também ter se perdido muito dos ensinamentos Enochianos, o rito permaneceu com grande bagagem mística, principalmente relacionada ao conhecimento telúrgico. Dessa forma, para os praticantes do Rito Adonhiramita, é mais fácil compreender o simbolismo primitivo da Estrela Rutilante.

A compreensão que tive sobre o simbolismo da Estrela Rutilante durante a pesquisa deste trabalho não é comum. Não encontrei nenhuma literatura que concluísse o mesmo que eu, e creio que essa sonegação de informações se deva exatamente pela influência que o R. E. A. A. exerce sobre os demais Ritos. Sendo o R.E.A.A. o mais difundido e praticado no Brasil, praticamente toda a literatura Maçônica publicada é baseada nesse rito. Quando um Maçom praticante de outro Rito faz qualquer pesquisa, acaba por trazer para o seu Rito os ensinamentos do R.E.A.A., seja por falta de literatura do assunto em seu próprio Rito ou pela abundância de literatura de qualquer assunto no R.E.A.A..

É imperativo que nós, praticantes do Rito Adonhiramita, fortaleçamos nossas instruções com nossas próprias tradições. As LLoj.: Adonhiramitas devem se unir em esforço heróico para a manutenção de nossos antigos ensinamentos e difusão de nossos trabalhos na literatura da Ordem Maçônica, sob pena de relegarmos as Tradições Enochianas ao ostracismo.

**Nilo Procópio Peçanha, C.: M.:
CIM 262084**